

O DISCURSO IMAGÉTICO DO “FEMININO”: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PERSONAGEM ARLEQUINA

Ana Helena Faria MICHELIN¹

Débora Paula DIAS²

Tanyse GALON³

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o discurso imagético do “feminino” no cinema, através da comparação entre a direção cinematográfica feminina e masculina, tendo como estudo de caso a participação da personagem fictícia Arlequina em dois filmes da DC Comics: Esquadrão Suicida, 2016, dirigido por David Ayer, e Aves de Rapina: Arlequina e Sua Emancipação Fantabulosa, lançado em 2020 e com direção de Cathy Yan. Para o desenvolvimento deste artigo foi utilizado como base a pesquisa bibliográfica e análise dos discursos utilizados em torno da personagem. Como resultado, observou-se que o mercado cinematográfico ainda é um espaço predominantemente patriarcal, onde os homens são a maioria nos cargos de criação e, portanto, grande parte das produções são desenvolvidas sob o olhar masculino. Entretanto, a pesquisa revelou ainda que há uma tendência à mudança nas últimas produções lançadas e em desenvolvimento, que estão ocorrendo graças à necessidade de representação das questões de gênero neste importante meio comunicacional.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema, Representatividade Feminina, Gênero, Feminismo, Imagem.

INTRODUÇÃO

A indústria cinematográfica foi um marco muito importante na história mundial. Com a evolução da comunicação, a imagem foi enfatizada e explorada, não sendo somente a criação de um novo mercado de entretenimento, mas também um meio muito eficaz de propaganda e persuasão, contando novas histórias de diversos temas influentes, apresentando um novo modelo de vida.

O cinema é a representação econômica, cultural e social de variadas formas, sejam elas fantásticas, realistas, objetivas ou subjetivas, mas sempre inspiradas em elementos que compartilhamos no cotidiano. Com isso, as personagens do audiovisual são, muitas vezes, associadas também às idealizações do seu próprio criador (diretores, escritores, produtores).

Partindo dessa premissa, é possível observar quem é que assume tal ponto de vista e cria as dramaturgias que costumam acompanhar e representar a atual situação social. Assim como nas demais áreas profissionais, o gênero que prevalece nessa indústria do entretenimento

¹ Discente do curso de Publicidade e Propaganda da UNAERP, e-mail: a.helena.michelin@gmail.com

² Discente do curso de Publicidade e Propaganda da UNAERP, e-mail: diasdebora04@gmail.com

³ Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da UFTM, e-mail: tanyse.galon@uftm.edu.br

é o masculino. Dentro dessas características, ressaltamos ainda o homem branco e heteronormativo como agente dominante e detentor das criações. Ou seja, toda a representatividade é restrita ao ponto de vista de um membro enquadrado em privilégios.

Esse ponto de vista é o autor também do estereótipo, padrões e idealizações patriarcais que influenciam a visão sobre as minorias nas produções cinematográficas. Sendo assim, o tema a ser abordado nesta pesquisa é o discurso imagético da mulher no cinema e quais as consequências para o coletivo. De modo mais específico, será estudada a imagem do feminino sob a direção cinematográfica masculina e feminina, em um estudo de caso da personagem Arlequina, uma das vilãs da produtora de histórias em quadrinhos, DC Comics.

Analisar a representação feminina em um grande meio de comunicação como o cinema visa reconhecer seu impacto social e procura conhecer os sentidos da linguagem cinematográfica, sua capacidade de evidenciar ou mesmo criar padrões sociais tão limitantes. Sendo assim, o atual artigo analisou a representatividade feminina e seu contexto social no meio cinematográfico, estudando os sentidos que emergem dos discursos da imagem do feminino entre a direção cinematográfica masculina e feminina, onde foram analisadas as diferenças comportamentais da personagem Harley Quinn.

Logo, para a realização e estruturação desse artigo, foi realizada uma pesquisa e análise sobre o trabalho dos diretores David Ayer e Cathy Yan em suas respectivas obras, “Aves de Rapina” de 2019 e “Esquadrão Suicida” lançado em 2016, bem como o estudo da idealização feminina no cinema e a compreensão dos discursos imagéticos provenientes dessa construção, cujo análise foi feita a partir da pesquisa bibliográfica do livro “Mulheres de Cinema” de Karla Holanda, e do artigo “A imagem: representação da mulher no cinema” de Giselle Gubernikoff, que explicam, com base em fatos históricos, o comportamento excludente em relação à personificação de mulheres fortes e independentes. Com isso, foi estabelecido como objetivo geral a identificação dos sentidos que emergem a partir das diferenças comportamentais em personagens femininas e suas histórias, dentre as representações trabalhadas em obras cinematográficas sob a direção feminina e a direção masculina.

Com o intuito de atingir todos os objetivos, foram realizados dois métodos de pesquisa, sendo eles, o estudo de caso sobre a personagem Harley Quinn em dois filmes diferentes (“Esquadrão Suicida” e “Aves de Rapina: Arlequina e Sua Emancipação Fantabulosa”), e a pesquisa bibliográfica, em que foram utilizados materiais que abordam a representação feminina em filmes nas últimas décadas.

Sendo assim, para o alcance de seus objetivos, o presente artigo percorre pela trajetória das mulheres na indústria cinematográfica, apresentando-se a relevância de seus papéis nas

histórias e o protagonismo, passando pela análise do objeto de estudo e o entendimento da diferença nas produções dirigidas por homens e mulheres, e finalizando na identificação dos sentidos emergentes dos discursos da imagem do feminino.

Para obtenção dos resultados desejados, este estudo caminhou pela seguinte estruturação: histórico da imagem feminina no cinema; pluralidade do feminino; diferenças nas produções dirigidas por homens e mulheres; e identificação dos sentidos emergentes dos discursos da imagem do feminino.

1. Histórico da Imagem Feminina no Cinema

Desde os primórdios do cinema, no século XX, a narrativa em torno da mulher é conduzida por estereótipos: seja como secundária ou dependente de um homem, seja enfatizando aspectos relacionados à sensualidade, à pureza, à futilidade, ao vitimismo e a outras características que tendem a minimizar a intelectualidade e independência feminina.

Essa representação considerada “machista” acontece devido ao histórico da imagem feminina ter se construído como um reflexo da sociedade patriarcal, agindo de acordo com a idealização masculina e com o capitalismo, como cita a autora Giselle Gubernikoff:

O cinema clássico não só disseminou uma forma de produção de filmes, mas também e, principalmente, valores e ideologias enraizados socialmente e enraizados em nível de sujeito, num processo contínuo desde a sua instalação. É fundamental considerar-se a sua importância à formação ideológica do sujeito e às construções sociais. (GUBERNIKOFF, 2009, 8:p.69)

A representatividade feminina na ficção assemelhava-se com a realidade da época, onde os filmes produzidos entre os anos de 1930 e 1960 mostravam a mulher de uma maneira que satisfazia os olhares masculinos, tornando-a um objeto para observação que funcionava de duas maneiras: ora como objeto erótico, ora como objeto de dominação social. Isso estava ligado, segundo a autora, à maneira como a mulher era relacionada a um objeto fundamental para a estabilidade social na qual deveria permanecer irreconhecível, tanto social como culturalmente, compondo o status da mulher na sociedade capitalista durante parte do século XX.

A mulher é vista nos filmes da década de 50 da mesma maneira que nas décadas anteriores, ou seja, uma mulher que renuncia aos seus próprios desejos em favor do desejo masculino. E os filmes a caracterizam como um objeto de desejo domesticável. Sempre precisando de um homem que a deixe “segura” contra suas próprias fraquezas femininas e que, além do mais, seja vulnerável economicamente. Ela ainda é representada nos filmes como um ser que não pode ser dono de seu prazer e de sua vida, é totalmente dependente do homem para satisfazer-se, sendo inserida nos filmes como fetiche, algo belo e inacessível, causando assim um imenso prazer visual ao homem, que se coloca como um voyeur diante de tais imagens. (CARDOSO & FREITA JUNIOR, 2009, p.11)

A partir dos anos de 1960, o movimento feminista começou a tomar força e questionar o lugar da mulher na sociedade, nos âmbitos sociais, econômicos e políticos. Entretanto, o feminismo não era bem visto na indústria cinematográfica e nem por grande parte dos telespectadores. Por mais que a emancipação avançasse, a imagem forte do romantismo cobria as particularidades da mulher como uma personagem forte, empoderada, livre e capaz de carregar o protagonismo nas telas, como afirma Gubernikoff:

Mesmo com o grande avanço da emancipação feminina, nos anos 60, as mulheres do cinema ainda são construídas com base nesses estereótipos, escondendo-se atrás de um romantismo exagerado e sem nenhuma indicação sobre o modo real de sua vida. Simplesmente ignora-se o feminismo no cinema. (GUBERNIKOFF, 2009, 8:p.73)

Segundo o livro “Mulheres de Cinema”, foi a partir dos anos de 1990 que a pesquisa sobre as mulheres inseridas no mercado cinematográfico começou. Uma das grandes descobertas foi que as mulheres dominavam as produções nas duas primeiras décadas do cinema, como produtoras, operadoras de câmera, organizadores de estúdio, roteiristas, entre outros.

De acordo com Alice Guy-Blaché, uma das primeiras diretoras de cinema, isso só aconteceu porque o futuro cinematográfico ainda era uma incógnita e não se sabia que se tornaria um dos grandes meios de empreendedorismo e negócios. Foi somente no final de 1920 que isso mudou e o cinema se tornou caro e lucrativo. Logo, as mulheres que prevaleciam na área passaram a ser oprimidas por um mundo financeiro dominado por homens, tornando-se minoria no setor e sendo esquecidas junto com suas obras, que viriam a ser estudadas 70 anos depois.

Como exemplo, podemos citar a diretora norte-americana Louis Weber, uma das principais diretoras de cinema antes da década de 1920. Louis Weber tinha ideias progressistas cujos tópicos despertavam discussões muito importantes para a época, além de ver o cinema como uma ferramenta de educação que poderia influenciar pessoas de diferentes classes sociais para atingir uma maior conscientização.

A diretora procurava mostrar papéis femininos que fugissem do critério das produções de massa, buscando retratar realidades com críticas assertivas ao que considerava ser ultrapassado. Entretanto, não demorou muito tempo para seus filmes serem considerados problemáticos pelos estúdios durante a “virada comercial” do cinema e, com essa justificativa, sua carreira começou a ser esquecida e colocada de lado, apesar dos clássicos por ela produzidos.

Porém, nos meios de comunicação, que cada vez mais influenciavam os padrões cotidianos das populações urbanas, os anos posteriores à conquista do sufrágio feminino se caracterizaram pela intensa produção discursiva de uma feminilidade

definida em função do doméstico – o que por sua vez era como já que viu aqui, um dos grandes suportes do *status quo* e de um conformismo social vinculado à reprodução de papéis sociais rígidos e bastante policiados (...) No entanto, estes mesmos meios de comunicação (...) vinham, por outro lado, criando e espalhando novas imagens, por mais contraditórias e ambivalentes que fossem, sobre a sexualidade feminina e a inserção das mulheres num mundo que antes era reservado aos homens. (ADELMAN, 2009, p.35).

Nos Estados Unidos, apesar do apoio que as mulheres se davam durante essa época, elas sofreram o afastamento das produções concomitante ao ano em que conseguiram o direito de votar. Enquanto conquistavam um direito, eram colocadas de lado novamente em outros âmbitos.

Nota-se ainda que as produções de direção feminina só voltaram a aparecer e a serem reconhecidas nos anos 2000, por conta de uma conferência organizada por um grupo de mulheres chamada “*Women and the Silent Screen*” que pesquisam e procuram por produções perdidas e documentos históricos.

Nos países subdesenvolvidos, que eram inspirados pelas tramas norte-americanas, ainda se buscava uma identidade dentro da indústria cinematográfica, que possuía uma menor atividade no setor, regras mais rígidas e menor representatividade feminina dentro e fora das telas. Segundo Karla Holanda (2019, p.32), “A menor presença de mulheres nas atividades fílmicas de países periféricos, configurados e subjugados pelo imperialismo da virada do século XX, parece proporcional à frequente e tímida atividade local de produção cinematográfica [...]”. Ou seja, nos países com maior desenvolvimento econômico, as mulheres ainda tinham uma maior participação em relação aos menos desenvolvidos, ambos dentro da proporção observada.

Com isso, pode-se entender que, assim como no mercado de trabalho em geral, em meios comunicacionais como o cinema, as mulheres precisaram lutar para que conseguissem construir sua própria identidade e seu espaço, apoiando umas às outras, a fim de alcançarem sua liberdade e conquistarem o espaço feminino, fosse dentro ou fora das telas.

2. Pluralidades do Feminino

As teorias sobre o feminino do ponto de vista do espectador e a sua pluralidade surgiram com reflexões a partir dos anos de 1970, ligadas aos movimentos políticos, dando ênfase principalmente para a psicanálise e a semiótica. Inicialmente, essas teorias feministas acabaram se fundamentando exclusivamente em um conceito de feminino voltado para a visão da mulher branca e heterossexual. Na década de 1970, tais estudos ainda eram feitos sobre o olhar masculino, e só na década de 1980, passaram a ser focados no espectador feminino.

Na esteira de tal evolução, começa a se delinear nos estudos de recepção, os estudos da espetatorialidade feminina, cujas reflexões irrompem principalmente a partir das intervenções críticas de teóricas feministas. A inserção do gênero como categoria analítica para pensar o cinema e o meio cinematográfico – enquanto instituição, indústria, arte ou dispositivo –, expõe a estrutura patriarcal inscrita nos regimes de representação e produção. Consolida-se então, a partir dos anos 1970, como aponta Kaplan (1973), uma ‘crítica feminista de cinema’ fortemente ligada ao ativismo empreendido pelos movimentos políticos. Com base estruturalista e arraigada na perspectiva do imanentismo textual, a fase inicial é marcada pela abordagem psicanalítica e semiótica. É quando surgem conceitos como escopofilia, narcisismo, identificação e olhar masculino, tendo na figura de Laura Mulvey (1975) a principal expoente. (HOLANDA, 2018, p. 321)

O feminino no cinema é um tema mais amplo do que imaginamos, já que tem como objetivo retratar vidas de mulheres que são múltiplas e que enfrentam diferentes situações. A identificação dos espectadores com as telas revela a importância de abordar histórias de mulheres cis e trans, lésbicas, bissexuais, negras, e não apenas de brancas e heterossexuais como em sua grande maioria.

Desde seus primórdios, o cinema tem uma relação complexa com as mulheres, dentro e fora da tela. Vistas como personagens secundárias e invariavelmente reduzidas a estereótipos, a mulher vivia ainda a expressão de mero dado estatístico que, se por um lado revelava sua expressão numérica, por outro sua experiência comunicativa com os filmes era recorrentemente negada. (HOLANDA, 2018, p.322 – 323)

Aprofundando a questão na personagem Harley Quinn, é fato que ela é vista apenas de forma secundária, mero interesse amoroso do personagem Coringa no filme “Esquadrão Suicida”, retratada como frágil, dependente e inferior. Sua história se baseia na troca da própria carreira e vida para viver com o vilão, por uma relação abusiva e sob manipulação psicológica. A personagem no universo cinematográfico ainda possui um comportamento muito mais sensualizado em relação aos anti-heróis da trama.

O conceito de gênero imbricado na ideia de ‘feminino’ é fruto de uma epistemologia que toma a diferença sexual como partida para a delimitação dos papéis e espaços, o que nos leva a refletir como outros recortes podem inserir novas categorias e caminhos para se compreender a espetatorialidade feminina de modo mais plural, tensionando o próprio cinema e suas narrativas. (HOLANDA, 2018, p.335)

A busca pela imagem real da mulher é uma pesquisa incessante de como construí-la e através de qual imagem isso é possível. De fato, esse objetivo é alcançado, entre o real e a representação, quando há mulheres envolvidas na produção cinematográfica, desde o roteiro, cenário, figurino até os posicionamentos de câmera e direções a serem seguidas. É nesse momento que a mulher assume seu local de fala e com o poder de influência, dando a oportunidade de que outra mulher tenha a experiência de se enxergar e se inspirar através dos mesmos olhos, mesmo que com individualidades diferentes.

Quando a mulher se posiciona atrás das câmeras, muitas vezes sua intenção é justamente essa, imprimir uma nova ótica da representação de homens e mulheres que não se restrinja aos parâmetros ainda muito próximos a uma sociedade tradicional. O

que muitas se propõem é estabelecer a construção de um olhar cinematográfico em bases diversas, originadas de uma nova forma de pensar as relações de gênero. Isso equivale a dizer que muitas cineastas optam por um contracinema, subsidiado por linhas teóricas que apoiem essa nova perspectiva. (KAMITA, 2017, p.3)

Como cita Rosana Kamita (2017, p.3), ao seguir a ideia de desvincular e distanciar papéis da mulher que remetem ao patriarcalismo, diante de elementos sociais, raciais, sexuais, psicológicos, acrescenta-se uma pluralidade a ela, diversificando suas características de uma forma mais real e que ainda esteja representando não somente a personagem, mas várias mulheres que se identificam com ela de alguma forma.

Logo, é possível afirmar que a intenção não é fazer com que o olhar masculino no cinema desapareça, mas sim que histórias possam também ser contadas de outras perspectivas, dando ênfase na pluralidade de gênero. Por isso, estudos sobre o feminismo e as mulheres no cinema são imprescindíveis.

3. Produções da Personagem Arlequina no Cinema

3.1 A personagem Arlequina

Arlequina (Harley Quinn, no original em inglês) é uma personagem fictícia que teve sua primeira aparição na série animada do Batman em 1992 pela DC Comics e logo após estreou no universo das histórias em quadrinhos. Apesar de ter sido produzida para ser sempre associada ao vilão e companheiro amoroso, Coringa, aos poucos a anti-heroína foi tomando espaço até que se fez necessário uma voz própria para a personagem, principalmente após o grande sucesso da mesma, tanto nos quadrinhos quanto na primeira aparição em filme (Esquadrão Suicida).

Após o destaque de Arlequina na produção de David Ayer, muitas fãs da personagem e demais telespectadores se questionaram sobre como a personagem dos quadrinhos foi representada no filme, devido ao aparente caráter sexista introduzido à personagem. Foi então que o filme “Aves de Rapina”, mais recente da personagem e produzido por Cathy Yan, destacou as habilidades da antagonista nas telas de cinema.

Além disso, pode-se apontar que a personagem teve várias mudanças e adaptações em relação à sua primeira aparição, desde seus figurinos e elementos visuais quanto também a sua história, por ser uma personagem secundária e que surgiu como um apoio ao principal vilão da editora. Por ter tido uma origem considerada problemática, os escritores deram uma nova chance para deixar a personagem mais moderna e mais real dentro de sua personalidade.

Logo, para a comparação de Arlequina nos dois filmes produzidos pela Warner Bros, serão analisados de maneira descritiva suas representações através da narrativa abordada em

torno da personagem, seus figurinos, comparação entre cenas semelhantes e posicionamento de câmeras.

3.2 A representação de Arlequina em Esquadrão Suicida

A forma como Arlequina é representada desde o início da trama em *Esquadrão Suicida* chama a atenção por seu estereótipo hiper sexualizado presente na maioria das cenas do filme dirigido por David Ayer. Esse teor sexista pode ser observado desde o início da produção, pois mesmo sendo uma das protagonistas, ela é sempre apresentada como a “namorada do Coringa” e não como uma personagem autossuficiente, pois sempre que se referem a ela remetem ao seu cônjuge primeiramente. Isso pode ser observado também em uma das cenas que descreve a trajetória dos personagens, em que a história de Arlequina é contada a partir do momento em que ela conhece seu parceiro Coringa, como se antes dele não houvesse fatos consideráveis para a construção de sua trajetória.

Outro ponto a ser citado é o figurino da personagem no filme. Durante toda a produção, Arlequina aparece com roupas extremamente curtas e decotadas. No figurino principal, a personagem está com micro-shorts, meia-calça rasgada e com uma blusa $\frac{3}{4}$ curta, mostrando seu abdômen, além do sapato de salto alto. Um dos outros trajes utilizados por Arlequina é um vestido de pouco comprimento e costas com decote profundo, utilizado pela mesma em uma cena que se passa em uma casa noturna.

Embora as mulheres devam ter a liberdade de escolher suas próprias vestes, todas as peças utilizadas pela personagem no filme evidenciam um caráter sexualizado e produzido para um olhar masculino e objetificado, pois mesmo diante de cenas de ação a mesma ainda é representada com saltos altos, por exemplo. Outro detalhe curioso no figurino é um dos acessórios que Arlequina usa o tempo todo: um colar estilo chocker dourado escrito *puddin*, que significa “pudim”, que era a forma como a mesma chamava seu cônjuge, o Coringa. O fato da personagem estar com um colar com o apelido de seu namorado pode ser entendido como uma forma de dizer que ela pertencia à ele.

Outra parte do filme que confirma a sexualização em torno da personagem é a cena na qual Arlequina troca de roupa na frente de dezenas de homens — e algumas poucas mulheres, onde a câmera percorre dos pés à cabeça da personagem enquanto ela se veste.

Diante da mudança de diretores, parte das fãs do universo dos super-heróis notaram inúmeras diferenças psicológicas e físicas, identificando a narrativa abordada de maneiras diferentes, o que chamou atenção para a análise de ambos em relação aos assuntos destaque da atualidade, como o feminismo e a objetificação sexual feminina.

No primeiro filme “Esquadrão Suicida”, desde a primeira cena da produção é falado sobre representação da mulher como segundo plano, onde a personagem narra parte de sua vida citando o quanto tinha ideias brilhantes, mas quem levava o mérito de todas elas era seu parceiro Coringa, onde a mesma cita o ditado: “atrás de um homem de sucesso há sempre uma grande mulher”.

Como falado anteriormente, o diretor David Ayer sofreu críticas de fãs pelo figurino da personagem Arlequina, pela personagem ter atributos exagerados em relação à sua sensualidade em Esquadrão Suicida. O assunto repercutiu muito em suas redes sociais após anos que a produção foi lançada, e quando questionado sobre as questões visuais da personagem, afirmou que fez o que pode e, mesmo com limitações, criou a personagem de modo fiel aos quadrinhos. David Ayer afirmou: “Infelizmente, o arco de Arlequina foi eviscerado. Era um filme dela de muitas maneiras. Olhe só, eu tentei. Eu fiz uma Arlequina fiel aos quadrinhos. Tudo é político hoje em dia. Tudo. Só quero entreter. Irei melhorar”.

Comparado o trabalho dos dois diretores, consegue-se observar para quem é gerado o tipo de entretenimento e como as mudanças físicas e psicológicas podem ser alteradas sem prejudicar a história da personagem e ainda causar uma sensação de aproximação do seu público que conta com a modernização e identificação com a personagem.

Figura 1 - Esquadrão Suicida - Cena com os personagens principais e seus figurinos (2016).



(Fonte: O Globo, 2016)

3.3 Uma Arlequina emancipada em Aves de Rapina

Do ponto de vista da diretora Cathy Yan, a Arlequina de Aves de Rapina recebeu características mais detalhadas, com enredo próprio, traços independentes e personalidade mais valorizada.

Em “Aves de Rapina, Arlequina e sua emancipação fantabulosa”, a personagem principal inicia a trama após o término e abandono de seu parceiro, Coringa, o qual a mesma sempre esteve ligada. Dessa forma, Arlequina começa a narrar sua história desde a infância, incluindo não somente sua vida após o início do relacionamento com Coringa, como é feito em Esquadrão Suicida, e sim fazendo uma releitura da anti-heroína antes de sua rendição ao mundo do crime, e lembrando seu passado como uma profissional exemplar e PhD em psiquiatria. Após apresentar sua história ao telespectador, Arlequina segue narrando todo o filme, expondo seus pensamentos a cada cena, o que enfatiza a voz própria da personagem, que dá sequência à trama do filme tentando se reerguer como vilã de Gotham City e se desvinculando da associação de sua imagem com Coringa, expondo uma mulher em busca da independência, ou como dito no próprio título do filme, em busca de sua “emancipação fantabulosa”.

Esse novo estado de liberdade e autonomia da personagem pode ser confirmado em diversas cenas do filme, como em uma cena que faz alusão a uma passagem épica do cinema, interpretada por Marilyn Monroe, e que destaca que a personagem Arlequina, assim como Marilyn, continua divertida e sensual, mas agora independente também:

Há uma determinada cena em Aves de Rapina que funciona tanto como homenagem como para se encaixar perfeitamente no atual cenário psicológico da protagonista. Isso traz a emancipação do título (que não se diz somente respeito à Harley, é claro) como uma forma de mostrar ao espectador que a anti-heroína passa a enxergar o mundo com a clareza de uma mulher independente – ainda que com uma pitada de insanidade ingênua. E é com esse estilo que mistura tons de fantasia com vislumbres de consciência que Aves de Rapina toma sua forma. (DEMEROV, 2020)

Com isso, Harley Quinn continua carregando sua sensualidade, mas sua personalidade e a forma que conduziram as suas atitudes diante da união com outras mulheres que fazem parte da produção, deram notoriedade e maior relevância ao papel. Sua emancipação foi a volta por cima após o Coringa abandoná-la, e depois de sua dependência emocional Harley entende que seu novo dilema são suas próximas aventuras e relações, agora totalmente livres.

Ao longo do enredo e na busca por sua autonomia, Arlequina, que agora é uma vilã independente, tem o caminho atravessado por outras mulheres que, assim como ela, de alguma forma também buscam se emancipar de algo.

Apesar de não ser propriamente uma história de origem, o filme de Cathy Yan traz em cada personagem do grupo inúmeras variações de tal emancipação (que sempre

está ligada a homens), tocando em temas como vingança, machismo e violência - física e psicológica – para compor o universo de cada uma. (DEMEROV, 2020)

O roteiro de *Aves de Rapina* mostra a quebra do paradigma da competição feminina: no enredo, todas as personagens se unem e trabalham juntas contra um inimigo em comum.

Com relação à execução do filme, uma das diferenças mais notáveis entre as produções com a participação de Arlequina é o posicionamento das câmeras. Cathy Yan usa a luz e os enquadramentos a favor da ação e não com a intenção de acentuar o corpo das personagens, enquanto David Ayer destaca a sensualidade na maioria das cenas. E são nas cenas de luta que conseguimos distinguir - com elementos que favorecem a estética dos movimentos - como a diretora pôde dar às espectadoras as cenas de ação e aventura de super-heróis sob um olhar feminino empoderado.

Um dos modos mais claros de comparar a visão de Arlequina em *Esquadrão Suicida* e *Aves de Rapina* é lembrar que os dois filmes tiveram cenas com a personagem lutando em uma enxurrada d'água, de camiseta branca. Enquanto a Arlequina de *Esquadrão Suicida* fica com a blusa colada e sutiã aparente, a câmera de Yan usa a água de modo estético a favor da ação, e nunca para acentuar o corpo da personagem. (SABBAGA, 2020)

Outro ponto seriam os figurinos escolhidos no filme “*Aves de Rapina*”. Arlequina traz elementos do mundo da moda com novos modelos de roupas com várias estampas misturadas e coloridas, com peças mais confortáveis e folgadas em relação ao filme “*Esquadrão Suicida*”. Ainda, nota-se os cabelos sem tinta, como se estivesse descobrindo quais são seus gostos na fase pós-Coringa e buscando livrar-se de sua influência.

Além disso, um fator importante do filme dirigido pela jovem Cathy Yan é o seu teor representativo. Além da trama girar em torno da força e independência feminina (onde cada personagem busca se libertar de alguma forma), há também pessoas negras, LGBTQIA+ e asiáticos no elenco, o que reforça a importância da representação da diversidade em cenas e por trás das câmeras. A busca por uma maior representatividade no cinema de forma geral, é uma das prioridades da jornalista e cineasta Cathy Yan, que enfatiza isso em um trecho de entrevista concedido ao Gshow. Ao ser questionada sobre o que acha de ser a primeira mulher com descendência asiática a dirigir um filme de super-heróis, afirma:

É um passo em frente tão legal, que mostra a indústria mudando. E acho importante porque, como eu falei, ao dirigir você quer que seja algo pessoal, e inevitavelmente há uma perspectiva diferente e única com novas vozes e novos diretores. Isso só tem a melhorar a arte do cinema, de verdade, se você aceita a entrada dessas vozes. Realmente espero que eu seja a primeira de muitas, e eventualmente nem precisamos falar sobre isso mais, porque há o suficiente de todo mundo.

Nesse contexto, o que se pode observar é que o filme “*Aves de Rapina*, Arlequina e sua *Emancipação Fantabulosa*” ressalta a importância da representação, seja em cena, expondo

características femininas até então menosprezadas em tantas obras, como força, independência e autonomia, ou através de direção cinematográfica, reforçando a importância das mulheres ocuparem grandes cargos de criação. O referido filme também destacou a importância da implementação de novos pontos de vista para as obras cinematográficas e acentuou que mulheres não produzem filmes apenas para outras mulheres, mas que também podem dirigir grandes produções cinematográficas para públicos diversos, assim como um filme de super-heróis.

Figura 2 - Aves de Rapina - Cena com os personagens principais (2020)



(Fonte: Solutudo, 2020)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo de caso realizado a partir da leitura e análise da participação feminina no cinema ao longo das últimas décadas, é possível identificar que a indústria cinematográfica surgiu e foi desenvolvida sob o domínio da presença masculina, o que fez com que a maioria das narrativas fossem moldadas a partir de suas perspectivas. Essa predominância masculina no mercado cinematográfico é um dos resultantes da omissão de representatividade feminina no cinema e a falta de identificação com algumas personagens da cinematografia, pois um espaço ocupado majoritariamente por homens faz com que a representação da mulher seja moldada a partir do olhar e da perspectiva masculina.

Com isso, as teorias apresentadas dão um embasamento para observar que, ao trazer uma mulher na direção de um filme com grande elenco - com fortes personagens femininas e com uma trama que aborda a representação de inúmeras formas, tudo isso dentro de uma grande produção cinematográfica com público fiel – evidencia-se que o mercado cinematográfico está atento às novas mudanças sociais, e que a importância de adaptar personagens e narrativas para os moldes de discussões atuais é indispensável. Isso é notório após a grande mudança de Arlequina entre Esquadrão Suicida e Aves de Rapina, pois após ser alvo de muitas críticas pela representação hiper sexualizada da personagem na primeira produção, a qual sua personalidade, características e inteligência foram menosprezadas em prol da imagem de uma mulher voltada para o chamado "olhar masculino", refletiu no sucesso da produção. Essas críticas dirigidas à produtora, e consequentemente ao diretor do filme, fizeram com que a Warner colocasse de fato, em sua nova produção, a mesma personagem, mas com suas verdadeiras características em ênfase, como sua inteligência, força e principalmente desvinculando sua imagem de um homem, já que Arlequina era até então sempre associada a seu parceiro.

Conclui-se, portanto, que a representação feminina no cinema - seja ela dentro da cena ou por trás das câmeras, no comando de pequenas ou grandes produções - é um fator de grande importância social, uma vez que o cinema é um dos principais meios comunicacionais capazes de refletir não apenas histórias fantasiosas, mas operar como um espelho da sociedade. Logo, a presença de roteiros que trazem histórias e personagens femininas, pensadas e desenvolvidas por outras mulheres, é primordial para que se abra espaço às mulheres no cinema, ampliando o olhar feminino sobre o mundo e reduzindo-se as iniquidades de gênero.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. **A Voz e a Escuta: encontros desencontros entre a teoria feminista e a Sociologia Contemporânea**. São Paulo: Editora Blucher, 2009.

BARBOSA, Taynah. **O Amargo Amor De Arlequina: A Representação Da Submissão Feminina Presente Na Coletânea Louco Amor E Outras Histórias**. Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, na sessão Quadrinhos, Linguagens e Gêneros em 22/08/2018.

CARDOSO, Tatiana Cristina, FREITAS JUNIOR, Edson Ferreira de. **Cinema Hollywoodiano: A Imagem Da Mulher Sob O Olhar Da Lente Masculina**. Anais do II Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí. 2009.

DEMEROV, Bárbara. **Aves De Rapina - Arlequina E Sua Emancipação Fantabulosa**. Adoro Cinema, 2020. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-264177/criticas-adorocinema/>> Acesso em: 24/11/2020.

GUBERNIKOFF, Giselle. **A imagem: representação da mulher no cinema.** Revista Conexão – Comunicação e Cultura, 8:65-77, 2009

HOLANDA, Karla (org.). **Mulheres de Cinema.** Rio de Janeiro: Numa, 2019.

KAMITA, Rosana. **Relações de gênero no cinema: contestação e resistência.** Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil, 2017.

SOTO, Cesar. **De jornalista a diretora, Cathy Yan usou 'Aves de Rapina' para superar suas inseguranças.** GShow - Pop & Arte, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2020/02/18/de-jornalista-a-diretora-cathy-yan-usou-aves-de-rapina-para-superar-suas-inseguranças.ghtml>> Acesso em: 01/12/2020.